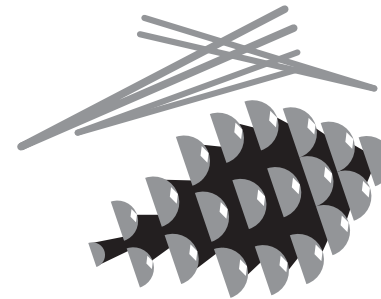


josé ricardo nunes
andar a par



(2013-2014)

COORDENADOR DA COLECÇÃO
PEDRO MEXIA

LISBOA
TINTA-DA-CHINA
M M X V

*Maria Beatriz,
carne da minha carne*

© 2015, José Ricardo Nunes
e Edições Tinta-da-china, Lda.
Rua Francisco Ferrer, 6A,
1500-461 Lisboa
Tels: 21 726 90 28/29/30
E-mail: info@tintadachina.pt
www.tintadachina.pt

Título: *Andar a Par*
Autor: José Ricardo Nunes
Coordenador da coleção: Pedro Mexia
Revisão: Tinta-da-china
Composição e capa: Tinta-da-china

1.ª edição: Maio de 2015

ISBN 978-989-671-263-1
DEPÓSITO LEGAL N.º: 392274/15

1.

Fiquei de me encontrar contigo às seis no Largo de São Paulo
para te entregar a criança.

Descer a Luciano Cordeiro até
à Conde Redondo, continuar a descer até
à Avenida, sempre a descer até
ao rio, e com ele à esquerda, pela Rua do Arsenal a descer
para o mar,
caminhar de mão dada à criança,
olhar nitidamente para o rio, vê-lo encher, tornar-se
vazio, chegar enfim
ao Largo de São Paulo e entregar-ta — o que falhou
num plano tão sensato, tão bom, tão bem
elaborado?

Do terraço admirava-se a cidade inteira,
quase toda a cidade.
À distância parecia um desenho
imaculado em papel vegetal. Lápis n.º 2
lhe arrematou contorno e cores
a fizeram quase igual ao modelo
original, encarnado para o que fosse telhado
e perdão para o que fosse mau traçado. Fácil,
concluía eu, que fácil
o trajecto para o Largo de São Paulo,
sair de casa, dar-lhe a mão, atravessar
uma parte da cidade, que fácil
entregar-te a criança à hora marcada
e depois procurar assento

num dos bancos de madeira que decerto haverá por lá,
respirar muito fundo e compassadamente.

Marquei a partida para as cinco.
Antecipei para as cinco menos quinze.
Memorizei o nosso itinerário, mentalmente o guardei,
cifrei-o por dentro, bem colado à pele,
não fosse um golpe de vento sacar-me o papel,
na minha mão fechada a criança é que não.
Verde, amarelo, vermelho, recitava-lhe eu, já virando
à esquerda, virando
à direita, seguindo a preto e branco
pelo alcatrão e afastando-a dos estranhos,
pois sabia que um rosto moribundo
bastaria para lhe avivar o mundo.

Três dias antes telefonaste a combinar.
E admoestaste por tanta precaução, tanto preparo.
Tonto dos nervos, voltei a desenhar novos desenhos
por cima do desenho
de modo a ter certezas duplicadas, decuplicadas,
dominar o corpo assaz perro,
evitar de modo absoluto o erro.

Queria mesmo um plano bom para não haver falhas,
conciso e preciso como aqueles que talhas.
Demorei-me, por isso, a equilibrar secantes e tangentes
e com detalhes que não eram urgentes.
E só saí de casa depois das cinco e quinze. Eu,
a criança, de mão dada à criança.
E foi a correria que tu sabes
ou não sabes mas devias porque é agonizante
o coração a resvalar no peito, um verso desmedido preso
por arames a uma pulsação, apenas uma,
que se desencana de uma artéria
e espalha no chão como simples matéria.

Ao dobrar a esquina da Conde Redondo,
um golpe de vento dobrou o desenho. Mais abaixo
o tirou, a galope e sedento
daquele mal que atira as coisas para muito longe, onde não há
lembrança delas. Fora afinal proveitoso
decorar as instruções: para ta entregar
e pôr a morrer bastava seguir a imperativa direcção azul
em transversal ao fundo,
não havia que enganar, não havia
razão para tropeçar numa palavra.

A criança sentiu a gravidade
do impacto. A bruta gravidade desuniu-me
a bússola do corpo. Como relógios escangalhados,
definitivamente sem arranjo, deixámo-nos ir
na correnteza dos desempregados que afluíam
da Rua das Pretas e por simpatia, por mero acto
reflexo, nos enxurraram
até ao Rossio. Daí
até ao rio Tejo não se registou sobressalto
digno de registo, só o salto
em frente para a imensidão
mas com um atraso imenso.
Eis, em resumo, o ponto da situação:
a criança assustada com a demora,
eu à nora,
tu impaciente porque já passava da hora
e tinhas de regressar à tua morte.

É certo que alertaras com delicadeza
para os perigos de certa beleza:
o vaivém dos cacilheiros, pessoas
como cordeiros e como lobos também, pessoas
que não eram totalmente pessoas
e outras que eram pessoas
muitas vezes, um sol que jamais, um fim
de tarde tão perfeito quanto o plano concebido

para te entregar a criança no prazo definido.
Para vencer aquele enorme atraso,
apertei-lhe mais a mão. E prometi
que doravante nada
mais retardaria a nossa marcha
para o Largo de São Paulo. Onde, por sinal, já não
esperavas por nós, onde realmente não estavas, em teu lugar só eu
lhe dava a mão, desalinhado, em cumprimento
do plano inapelável — por que raio me falhou?

Mas e se fosse mesmo eu
que estivesse a ver mal, se lá estivesses, no Largo,
mas um pouco mais ao largo, barrado
por um toldo ou por uma camioneta, dessas de carga
aberta? Já não ficaria a criança
ao deus-dará. E se não te foste,
como o patrono do Largo,
pela rota de Samos, mas apenas em passeio
para o lado de Santos, voltando
depois de um bocado,
muito aflito por me perceberes acabrunhado?
Fácil como rima fácil, não concordas?
Deveria, não obstante, encarar a hipótese.

Porque não perguntar por ti a alguém?
Perguntar a alguém por alguém
é o que a polícia logo faz após um crime,
nenhum tão grave quanto o teu. Alguém que prometeu
ir lá esperar a criança e se vai como um ateu
empedernido, valendo-se de ter prevenido
que até às seis, não depois, viram
alguém que corresponda ao perfil?

Preferia um amolador. Aquele que, a título de exemplo,
vinha ao bairro onde vivia o meu avô.
Preferia gente dessa, um pouco perigosa,
mas que recusa envenenar a alma das pessoas

com termos difíceis de pronunciar e que em lugar
de facas nas mãos tem facas por mãos. O cauteleiro,
a quem por azar perguntei em primeiro,
não deu indicação de paradeiro.
Na pastelaria resolveram ignorar-me. À porta,
um sujeito varava os transeuntes
com acintes. Ao chegar a minha vez encolhi-me
para minorar o sofrimento, ri-me também, fiz coro,
ri-me de não ter graça nenhuma, a morte,
e vadiar por lá à tua procura quando mais valia
chorar. Sem melhores resultados
que uma ou outra altercação, experimentei
ainda numa loja de ferragens e num talho,
para só enumerar dois estabelecimentos de venda a retalho.
Inquiri pelas mesas da esplanada.
Em breve não restava mais ninguém
a quem perguntar por ti.

Ainda se não fosse Inverno, o final
do Inverno, e a ventania não
atirasse tudo de lá
para cá com a força própria da ventania e não
levasse a criança pela mão
para ta entregar, como planeado, juro
que foi devidamente planeado,
nessa circunstância menos adversa
admitiria mais que uma advertência, aceitava que abalasses
por causa de um francês menos precavido
ou de mais um foragido das Mercês.
Ambos sabemos como custa sofrer e a urgência que há
em cada salvação, lá
ou cá, sofreremos ambos dores iguais a essas
dores. Não fosse Inverno no Largo de São Paulo
e compreenderia que servisses a culpa em doses iguais:
metade para mim, metade para mim.
Não fosse a criança à espera,
sem umbral, exposta, já tão consumada.

A criança, a criança, que será lá
da criança se não aguardaste por ela? Vieram
os cães abocanhá-la, levá-la, foi dividida
como o pão que os presidiários não comem para dar aos pombos? Se lá
não estavas e nem sequer a guardaste enquanto fui
procurar-te pelo Largo e alarguei o cerco por ruelas
e vielas, como hás-de saber? Achas
que a largava da mão, que a custo não a pus
de novo em mim, como se fosse injectável, por inteiro seu,
como se eu fosse tu e já em tua vez
tivesse morrido? Ainda se lá
não fosse Inverno, quase no final, mesmo a acabar o Inverno,
ambos no teu encaço, sem darmos um passo em falso.

Fiquei de me encontrar contigo às seis no Largo de São Paulo
para ta entregar e algo
correu mal ao executar o plano. Voltar atrás, porém,
não me devolvia a esperança. Restava-me
embrulhar a criança na mortalha, pegar-lhe
ao colo, consolá-la, que morrer
não lhe fazia falta, procurar
assento num dos bancos de madeira que decerto haverá por lá,
respirar muito fundo e compassadamente.

Junho chega frio, nutre-se
de frio. Estou na cama. Olho demoradamente
para as fotografias que remeteram lá de Carrara
mas neste ano absoluto a literatura já não
domina o mês feliz com o seu frio,
a sua definição de frio, tudo fica
desenhado a régua e esquadro. A febre
deixou de ser efeito secundário
de uma dislexia do espírito, converteu-se
no mais considerável dos sintomas. E então mudo para
a lateral. A latejar
com a força do passado, reclamo ao futuro
a densidade da pedra. Avanço
derreadíssimo, sem vontade nenhuma
de continuar. Prossigo apenas
porque é uma questão de honra, porque dei
a palavra. Um toque provoca a longa fila
de automóveis, buzinas, insultos. A alma
transparece com surpresa fingida. É já a segunda vez
que falo na alma, só pode ser
coisa boa. Leva-me para dentro do mármore
e espalha-me até perder de vista.
Nestes cruzamentos, enquanto não muda a cor
da luz, o homem verde não se acende,
faço por lembrar o teu rosto, o meu, o rosto da criança.
Colido com as imagens à deriva.
Gastei a manhã a tentar convencer-me
de que o trajecto seria rápido, directo, favorecido
pelo frio fora de tempo. Agora embalo-me

nos lençóis e já não sei como se aproveitará
a criança das minhas memórias em latente
circulação, corpo, terra, alma
outra vez. Depois do corte, estou
de todo insensível, todo profundezas
de silêncio, e resisto vigorosamente aos actos
mais falhados que me querem pôr na boca,
iludidos com as promessas do perdão
a que jamais terei direito.
Não te desprendes, apenas pretendes
que fique para trás. Pergunto porquê
hoje, que motivo te trouxe
à minha presença. E nem é preciso irmos até
Carrara, pedra de Estremoz há-de servir, homens
içados para a superfície numa fotografia, cobertos
pelo pó e pela continuidade, ei-los
à porta de um edifício de escritórios.
Numa mão o vazio da criança, na outra o vazio
da tua mão por cima da minha mão, circulava o automóvel
pela avenida. Ficam os detalhes
da fotografia estampados nos lençóis que absorveram
o suor da febre mas não a palavra
que lhe dei. Sozinho e desabracado é que não chegarei
ao meu destino. Mas descansa, pois sei
que não te poderás lembrar da tua imagem,
dorso largo, calafrios. Se quando te viravas
não eras tu, como poderias lembrar-te?
Talvez sejas aquele homem curvado
que se aproxima de um grupo de mendigos
e se põe a pedir inusitadamente um pouco
de oxigénio, sangue, uma circulação agreste
e próspera, o rosto em falta no papel
que ameaça fugir-nos das mãos. Mas como se vincula
uma alma de pedra? Na fotografia os olhos
da criança, os meus, indubitavelmente os teus
olhos. Inverto o sentido para não ser
tormento. O semáforo indica que podemos

atravessar e és de novo tu, num Junho frio,
com os mesmos olhos que eu e a criança,
tu, ninguém, todos compactados na mochila. E bastaria
que te lembrasses do local e da hora e te fizesses
comigo ao caminho. O que é difícil
para uma sombra, admito. E também aceito
que para me distinguires no meio da multidão
que se dirige para o outro lado, falares
com essa voz de sombra
por dentro da minha voz, imprescindível
se tornaria um milagre. Porém, recuso
deixar aqui os olhos que tanto roubaram
para te fazerem um corpo que resista, um emaranhado
de ossos, músculos, vasos sanguíneos
de mármore. O sonho gera
simpatia. Já do mármore não se pode afirmar
o mesmo. Tu, a criança, eu, pedra
insusceptível — alguém
consegue descobrir as diferenças? O molde
arremessa-nos lá para trás, um
samente. E recomeço a percorrer a Avenida
com essa cruz às costas, muitas
razões de sangue na insensatez fotográfica
de Junho, até deparar contigo à entrada, perto
de seres a principal atracção. O recinto
já teve noites grandes, luzes, gente, tanta
gente. Ignoras se é lícito,
aceitável, perderes tempo comigo, fiques
por uma hora ou duas entretido
com as diversões. Dei-lhe a palavra, devo
prosseguir, mas tu, livre de compromissos,
viras-te e não és tu, não sou eu, sequer a criança
a pedir. A dependência bancária cheia
e tu lá adiante, desemparelhado, eu ainda
a palmilhar a Avenida de mão dada com ela. Quem
desenhou estes círculos? O trânsito
não abranda. Cobertos pelo pó, subimos

de novo à superfície. E de novo
pergunto por ti. Que um estrangeiro,
porventura, terá chegado de Carrara
com notícias. Que o mármore, definitivamente,
dura mais do que um corpo. E onde se desencontra
da fotografia? Da alma e dos seus infinitos
é que já não vale a pena falar.

3.

No princípio de Outubro, depois de a criança
pegar no sono, eu voltava a subir
o monte arenoso. Sem propósito firme, somente
para descer, apenas para ir até
lá abaixo atrás dos gafanhotos e tornar
a subir, descer
novamente, isto quando ainda não suspeitava
de que para tudo há de facto o fim
a que se chega invariavelmente. Logo que adormecia,
fixava-me nos gafanhotos que davam
saltos curtos, saltos longos,
e escorregava nas pedras lisas que rolavam debaixo dos meus pés
ao persegui-los. Gerava a recordação e o sabor amargo
de um fruto adverso que não era de verdade
um verso. Sentia o arrepio
da água do tanque, aí havia coisas verdes a boiar, ninguém
dentro do corpo, exactamente o que sucede agora.
À sombra das raízes de umas oliveiras, a criança
perdulária não sentia a força
da renovação. Ouvira falar nas pragas
mas não temia a capacidade destrutiva dos insectos.
Ainda não pensava, a criança, que fosse possível
o crescimento da criança, nem antevia que ao dormir
o corpo se transformava em pó, que o pó
se haveria de espalhar e que a repetição
nada tem de glorioso, nenhum intuito
redentor.

O rosto da criança mudará
ao longo dos anos, em parte significativa
o meu. Já o modela o sono eterno
quando volto a descer numa correria
ao seu encontro, apesar de saber que já se foi
e que assim será para sempre. Nunca vi
a casa em ruínas mas contaram-me
que alguém comprou a terra e lá construiu
uma vivenda onde finalmente chegou
água canalizada. Despede-se dos pais, pega
na mala atada com uns cordéis e segue
até ao ribeiro, onde olha em frente
com demora apropriada ao ritmo de um sonho
que o tempo invalidou. Não sabe o que esperar
e teme que o desconhecido a force. Outubro
solta pó das pedras, espalha pó
por toda a parte.

Ao acordar chama por mim. Descasca
uma laranja e leva-me à boca
um gomo para que me lembre.
De seguida agarra na enxada e desata a abrir
e a fechar os estreitos canais por onde flui
do outro lado do seu sono a água até às árvores.
Apoia-se num cabo que não é do mundo e calcula,
tendo por base aquela pobre amostra, o investimento
necessário para recompor Veneza. Ou simplesmente
não pensa em nada, permanece pequena e simplesmente
adormecida na estranha consonância
que sente.

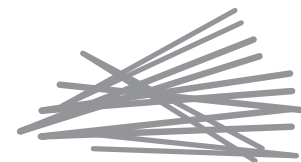
A morte também pode ser um acordar.
Mas destes enredos não quer saber a criança.
E depois de tanta pergunta e de tanta resposta
inconclusiva, depois de tanta conjectura,
também eu me desinteresse de saber
o que vem a seguir, se a existência se reparte

em duas, como alguns apregoam, ou tudo
intoleravelmente cabe agora, neste ínfimo e derradeiro
instante.

Veste a camiseta azul que lhe fica larga
e fora das calças. Sorri para uma fotografia
que ignoro onde pára. Desamparada,
dá por finda a rega. Olha
em volta e tudo pronto, trabalho
nenhum a não ser o do corpo adormecido a transformar-se
em pó.

Mal acorda, vêm a correr lavá-la
com uma esponja. E voltarão sempre pelo fim da tarde
para lhe trocar a roupa, que da mudança da alma,
de tudo o resto, ela própria tratou. Chegam
no primeiro dia de Outubro, anoitece
mais cedo, estende-se ao comprido a noite daí
até agora. Mentiu
como este verso, a criança, disse
aos pais que partia ao meu encontro
mas meteu-se na camioneta e nenhuma
indicação me deu, nem horário nem destino.
E o meu tempo hei-de perder a procurá-la
em ruas movimentadas e em ruas desertas,
para os lados de Torres Novas ou no Largo de São Paulo,
em todos os lugares onde se ache
gente, até na cratera de um extinto vulcão verei,
sem precisão, enquanto dorme e eu,
atrás dos gafanhotos, subo
e volto a descer o monte
arenoso, monotonamente o seu rosto muitas vezes
fazer-se e desfazer-se.

Mais tarde subirei ao armazém para escolher
o mogno e o tecido aveludado onde irá recolher
e também as escadas tornarei a descer.



ANDAR A PAR
de José Ricardo Nunes
foi impresso na Rainho&Neves, Artes Gráficas,
em papel CoralBook de 90 g,
em Maio de 2015.

